

EDUCAÇÃO PELA ARTE: PERCEÇÕES NO CONTEXTO DO GRUPO DE APOIO À CRIANÇAS COM CÂNCER EM SALVADOR-BAHIA

Denise Rocha & Graça S Carvalho

CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, PORTUGAL

A educação artística desempenha um importante papel como disciplina e atividade de ocupação no contexto da oncologia pediátrica. Pode contribuir para a melhoria do bem-estar das crianças enquanto estão em tratamento promovendo a expressão das suas emoções, interação com outras crianças, pais e profissionais de saúde, e ainda abstraíndo-as da problemática do internamento e das consultas.

Este estudo específico foi realizado no âmbito do Grupo de Apoio à Criança com Câncer (GACC), em Salvador-Bahia-Brasil, com o objetivo de conhecer e compreender a importância das atividades artísticas realizadas pelas crianças com câncer em fase de tratamento hospitalar e que se encontravam acolhidas na instituição. Nesta perspetiva procedeu-se a entrevistas à equipe de assistência à criança e aplicou-se um instrumento de avaliação - AACTO – Atividades Artísticas Aplicadas a Crianças em Tratamento Oncológico, com 46 itens divididos em 10 subtemas a 3 grupos de inquiridos: Grupo A - Equipe de assistência à criança; Grupo B – Cuidador principal; e Grupo C – Crianças, tendo a amostra o total de 40 sujeitos.

Os resultados obtidos permitiram-nos concluir que, nesta Instituição, os sujeitos têm uma visão positiva sobre a prática das atividades artísticas. A maioria dos três grupos sublinha a importância das atividades durante o tratamento a que as crianças são submetidas, destacam que elas gostam de participar, não sentem dificuldades no exercício das mesmas, ficam bem-dispostas e optam pelo trabalho individual ou em grupo, dependendo do contexto e espaço onde se realizam.

Palavras-chave: educação artística, educação pela arte, oncologia pediátrica, crianças com câncer

Introdução

A crescente necessidade de enfatizar as expectativas num tratamento bem-sucedido teve um importante impacto nos cuidados que se começaram a ter com crianças com doença oncológica, passando o seu bem-estar psicológico e emocional a assumir uma importância destacada, para além das questões relacionadas com o desenvolvimento cognitivo e o desempenho escolar. Ou seja, com o aumento das taxas de

sobrevivência das crianças com câncer, verificou-se uma crescente preocupação na área da qualidade de vida (ARAÚJO, 2011).

Sobre o câncer infantil, no geral, as três neoplasias mais frequentes em menores de 15 anos são as leucemias, os tumores do sistema nervoso central e linfomas. Ao conjunto da leucemia e linfomas é dada a designação de tumores líquidos. Os restantes tipos de câncer são denominados por tumores sólidos. Nesta categoria encontram-se todos os outros tipos de câncer que se desenvolvem nos tecidos do corpo com a exceção dos que se desenvolvem no sangue, na medula óssea e no sistema linfático (SILVA, 2007).

Independentemente da patologia, a vivência de uma doença oncológica na infância coloca sempre a criança e a família perante uma série de situações normativas e potencialmente *stressantes* (SILVA, 2007). Assim, a assistência em saúde deve ser construída de maneira mais ampliada e humanizada, tendo por base concepções comuns e compartilhadas entre uma equipe interdisciplinar, para que a meta de melhoria da qualidade de vida seja efetivamente alcançada (OTHERO, 2010), contribuindo assim para facilitar as aprendizagens escolares.

Progressivamente, as instituições de oncologia têm vindo a introduzir nos seus programas de assistência esta concepção de interdisciplinaridade (VASCONCELLOS, 2007), ampliando assim as possibilidades de terapêuticas complementares. Neste sentido, a terapia pela arte tem vindo a ser aplicada para ultrapassar algumas dificuldades de comunicação sentidas por pacientes crianças, proporcionando a expressão das suas emoções e percepções através da utilização de materiais muito simples e de fácil acesso (SOUSA, 2005). A prestação destas atividades dentro da prática educativa de apoio pedagógico e como atividade de ocupação viabilizam a expressão artística, nas suas variadas vertentes, de crianças hospitalizadas, favorecendo-lhes a expansão das suas potencialidades, desenvolvendo a criatividade, as capacidades cognitivas, a sociabilidade e o equilíbrio emocional.

Este estudo tem como objetivo fundamental conhecer a importância e o papel que as atividades artísticas desempenham como mediador na melhoria da qualidade de vida e das condições de aprendizagem de crianças com câncer em tratamento que se

encontram alojadas no âmbito do Grupo de Apoio à Criança com Câncer (GACC) de Salvador – Brasil.

Sobre o GACC

O Grupo de Apoio à Criança com Câncer é uma instituição que tem como objetivo promover a assistência psicossocial, médica e financeira às crianças com câncer oriundas de famílias carentes do estado Bahia, e de dar as condições necessárias para elas serem submetidas ao tratamento médico adequado no combate à doença (GACC, 2011).

Com sede própria, esta estrutura possui 4 pavimentos que se distribuem da seguinte forma:

- 1º Pavimento: Diretoria, auditório para 100 lugares, *hall*, 2 salas para reuniões, coordenação do voluntariado, assessoria de comunicação e assessoria de captação de recursos e 18 suítes.
- 2º Pavimento: Centro de diagnóstico, sala para psicólogos, espaço do adolescente, sala para assistente social, sala para curativos e fisioterapia e gabinete odontológico, 18 suítes.
- 3º Pavimento: Brinquedoteca, terapia ocupacional, gerência do alojamento, refeitório para 56 lugares, 8 suítes, cozinha, câmara frigorífica, lavanderia, almoxarifado, estacionamento e pátio de serviços.
- 4º Pavimento: Vestiário de funcionários, área de manutenção/depósito, salas de aula, biblioteca, *play-ground* coberto, 8 suítes e área externa verde com parque e horta.

Nos quatro pavimentos, cada suíte possui dois leitos: um para a criança ou adolescente, e outro para o seu acompanhante.

A maioria das atividades artísticas concentra-se no 3º e 4º pavimentos, onde estão as salas de aula, biblioteca, *play-ground* coberto, parque, horta e brinquedoteca, sendo este, o espaço mais procurado pelas crianças. Dentro do espaço da brinquedoteca funcionam ambientes variados para determinadas atividades: Desenho, leitura,

informática, jogos, brinquedos, expressão plástica (ambiente equipado com bancada e pia para tratamento dos trabalhos de pintura), vídeo, música e teatro. As atividades podem decorrer separadamente ou ao mesmo tempo.

Para as atividades lúdicas e de apoio pedagógico as crianças contam com as equipas de educadores e professores, de terapia ocupacional, um professor de música, bibliotecários e voluntários.

Metodologia

A recolha de dados foi realizada em Novembro de 2010. A amostra foi composta por 40 sujeitos pertencentes a três grupos distintos: Grupo A – Equipe de assistência à criança, Grupo B – Pais e Grupo C – Crianças (Tabela 1).

Tabela 1 - Dimensão da amostra

GACC			
Grupos	Crianças	Pais	Equipe de assistência à criança
Amostras	9	10	21
Total		40	

As crianças inquiridas apresentam idades entre 5 e 19 anos, sendo todos os 9 do género masculino. Como mostra a Tabela 2, as crianças inquiridas responderam apresentar as seguintes neoplasias: Leucemia, sarcoma, tumor na cabeça, tumor no crânio e tumor no pescoço.

Tabela 2 - Neoplasias apresentadas pelas crianças

Neoplasias	Nº
Leucemia	5
Sarcoma	1
Tumor na cabeça	1
Tumor no crânio	1
Tumor no pescoço	1
Total	9

A partir do questionário aplicado num primeiro levantamento realizado na pediatria do Instituto Português de Oncologia (IPO) do Porto – Portugal, em 2009 e 2010, aplicámos também no GACC três questionários para os três grupos de inquiridos: A – Equipe de assistência à criança, grupo B – Pais e grupo C – Crianças, cada um destes questionários constituído por 46 itens, relacionados ao contributo e às características atribuídas às atividades artísticas praticadas, e que sublinham os possíveis benefícios destas para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar das crianças que estão a se tratar e que se encontram alojadas na Instituição. Na escala de avaliação, trabalhamos com 4 categorias: Concordo totalmente (CT), concordo (C), discordo (D) e discordo totalmente (DT).

Durante a aplicação dos questionários realizamos entrevistas paralelas com a equipe de assistência à criança.

Resultados

Para a apresentação da análise dos dados, distribuámos os 46 itens relacionados com a prática da atividade artística no âmbito da oncologia pediátrica em 10 subtemas: (i) Relevância das atividades; (ii) Participação das crianças nas atividades artísticas; (iii) Preferências; (iv) Insatisfações; (v) Introspeção X Extroversão; (vi) Características de comportamento; (vii) Desenvolvimento cognitivo; (viii) Expressões artísticas; (ix) Expressões plásticas; e (x) Criatividade.

Relevância das atividades

A atividade artística no âmbito da oncologia pediátrica é de fundamental importância, pois além de viabilizar a expressão da criança, auxilia nas atividades de apoio pedagógico e de ocupação, preenchendo o intervalo de tempo entre os tratamentos a que as crianças são submetidas.

A relevância que os inquiridos dos três grupos dão às atividades artísticas (AA) revela-se positiva através da maior frequência de CT (Concordo totalmente) e C (Concordo), quando perguntamos se as crianças gostam de participar e se acham importante a prática das atividades no âmbito de tratamento (Tabela 3, itens 1 e 2).

Tabela 3 – Relevância das atividades

	Crianças				Pais				Equipe de assistência à criança			
	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT
1	4	4	1	0	5	4	1	0	8	13	0	0
2	5	3	1	0	4	6	0	0	7	12	2	0

1- Se gosta de participar em atividades artísticas

2- Se acha importante a prática das atividades artísticas

Participação das crianças nas atividades artísticas

Na perspetiva dos sujeitos dos três grupos (Crianças, Pais e Equipe Técnica), as crianças, na sua maioria, participam frequentemente nas atividades quando estão no âmbito de tratamento, e pedem frequentemente para realizar as AA como atividades de ocupação e mesmo quando estão em isolamento (Figura 1, itens 3-5).

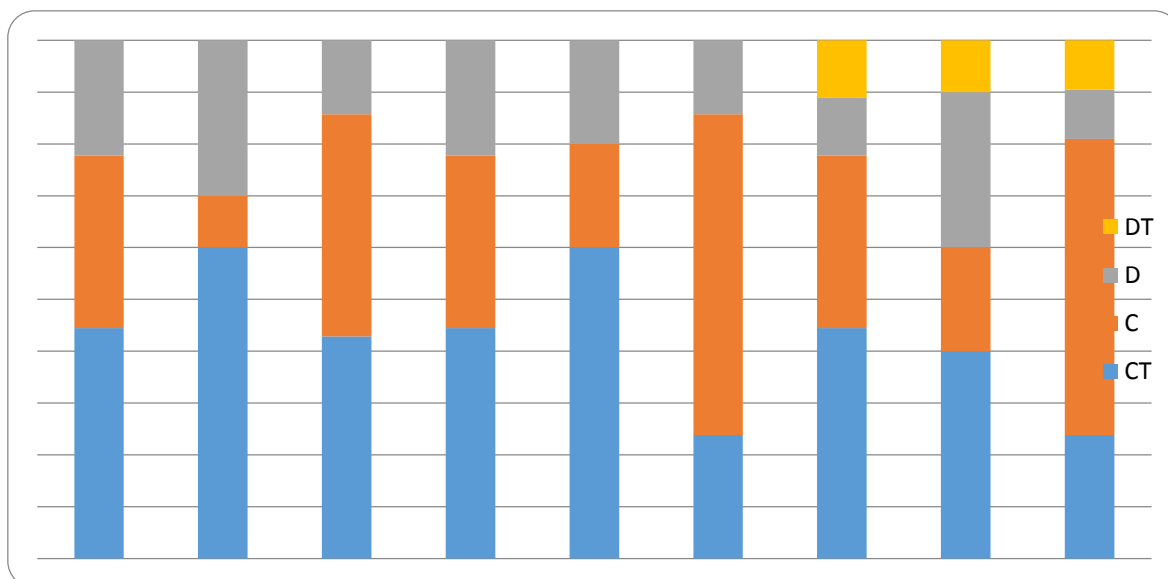


Figura 1. Perceção sobre a participação das crianças nas atividades artísticas
3- Se participa frequentemente em atividades artísticas quando está no hospital
4- Se pede frequentemente para participar em atividades artísticas como atividade de ocupação
5- Se pede frequentemente para participar em atividades artísticas mesmo quando está em isolamento

Preferências

Os sujeitos da equipe de assistência à criança concordam (CT e C) que as crianças ocupem a maior parte do tempo com AA (Tabela 4, item 6).

Os pais e a equipe técnica consideram que as crianças gostam de praticar as AA mesmo quando estão a receber tratamento através de cateter e ligados a aparelhos. Pelo contrário, as crianças pronunciaram-se, com número relevante, que não concordam com esta afirmação (Tabela 4, item 7).

No momento da quimioterapia, mais de 50% das crianças assinalam que mesmo nesta etapa do tratamento, ficam bem-dispostas quando realizam as AA (CT e C), equiparando assim com a opinião dos dois grupos de adultos inquiridos (Tabela 4, item 8).

Tabela 4 – Preferências

	Crianças				Pais				Equipe de assistência à criança			
	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT
6	2	4	3	0	4	3	2	1	7	10	3	1
7	4	1	4	0	6	1	2	1	6	12	2	1
8	4	1	2	2	7	0	2	1	3	16	1	1

6- Se passa a maior parte do tempo que está no hospital a praticar atividades artísticas
 7- Se gosta de realizar as atividades artísticas mesmo quando está a receber tratamento através de cateter e ligado a aparelhos
 8- Se fica bem-disposta quando participa em atividades artísticas mesmo quando faz quimioterapia

Insatisfações

Com respeito às questões que procuram averiguar se existe alguma rejeição às AA, todos os grupos discordam, na sua maioria, que as crianças não gostam e não têm vontade de praticar as AA no âmbito de tratamento (Figura 2, item 9). Discordam ainda que as crianças não praticam as AA quando estão tristes, logo após o internamento e/ou porque sentem dificuldades no exercício das mesmas (Figura 2, itens 10, 12-14). Somente quando os tratamentos são mais dolorosos, uma parte considerável da equipe de assistência à criança e os pais, acham que as crianças rejeitam as AA nesta etapa, enquanto as crianças afirmam manter a vontade na prática das AA: mais de 50% das crianças (Figura 2, item 11).

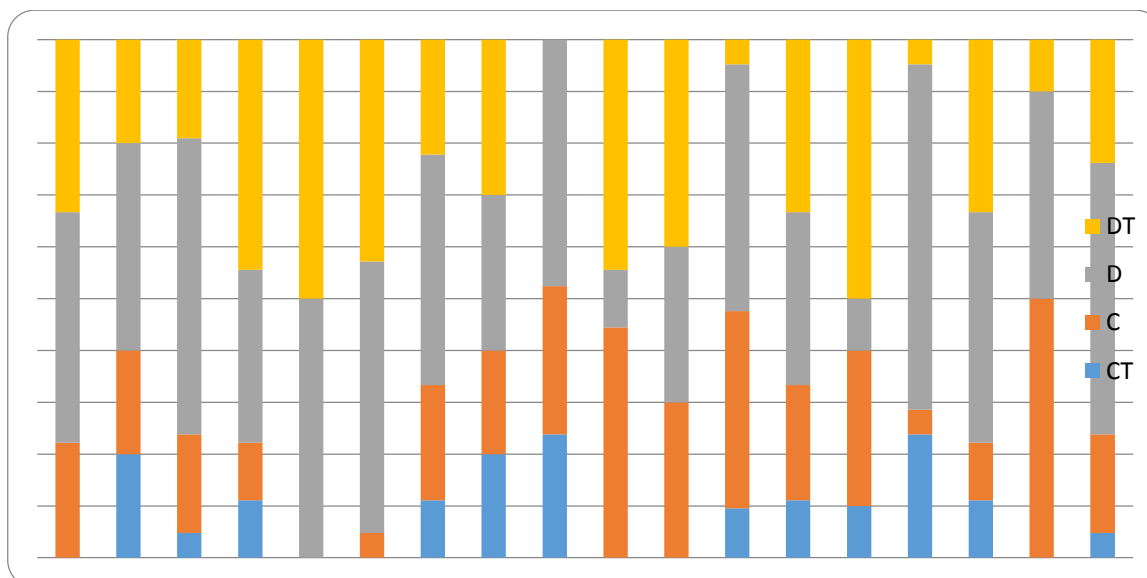


Figura 2. Percepção sobre a insatisfação das crianças nas atividades artísticas

- 9- Se recusa frequentemente a praticar atividades artísticas enquanto está no hospital em tratamento
- 10- Se não gosta de praticar atividade artística no hospital
- 11- Se não tem vontade de praticar a atividade artística no hospital quando os tratamentos são mais dolorosos
- 12- Se não tem vontade de praticar a atividade artística no hospital quando está triste
- 13- Se não tem vontade de praticar a atividade artística no hospital logo após o internamento
- 14- Se sente dificuldade da prática da atividade artística

Introspeção X Extroversão

As opiniões, quer dos adultos quer das crianças sobre se estas gostam de realizar atividades artísticas sozinhas não mostram uma tendência clara (Tabela 5, item 15), no entanto quando lhes é perguntado se preferem participar em atividades artísticas com os amigos (item 16) todos os grupos de inquiridos mostram claramente que concordam (C e CT).

Quanto a preferência de espaço para realizarem as AA no GACC, a maioria dos sujeitos dos três grupos, afirmam que as crianças preferem a brinquedoteca (Tabela 5, item 17).

Os sujeitos dos três grupos, na sua maioria, discordam que as crianças se isolam devido ao tratamento ou porque não gostam de estar em grupo (Tabela 5, item 18).

Tabela 5 – Introspeção X Extroversão

	Crianças				Pais				Equipe de assistência à criança			
	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT
15	3	4	2	0	3	2	4	1	2	8	10	1
16	4	4	1	0	6	3	1	0	6	13	1	1
17	3	5	1	0	5	1	3	1	2	10	8	1
18	1	1	3	4	1	1	2	6	0	3	14	4
19	1	1	3	4	1	0	2	7	0	0	14	7

- 15- Se gosta de participar em atividades artísticas sozinho
- 16- Se prefere participar em atividades artísticas com os amigos
- 17- Se prefere praticar atividades artísticas na brinquedoteca
- 18- Se passa a maior parte do tempo isolada devido ao tratamento
- 19- Se passa a maior parte do tempo isolada porque não gosta de estar em grupo

Características de comportamento

De 70% a 100% dos três grupos de inquiridos assinalam que concordam totalmente ou concordam que ao realizarem as AA, as crianças sentem bem-estar, contentamento, felicidade, valorização pessoal, e para além disso confirmam ainda que as crianças têm uma melhor qualidade de vida devido à prática das AA durante o tratamento hospitalar (Figura 3, itens 20-26).

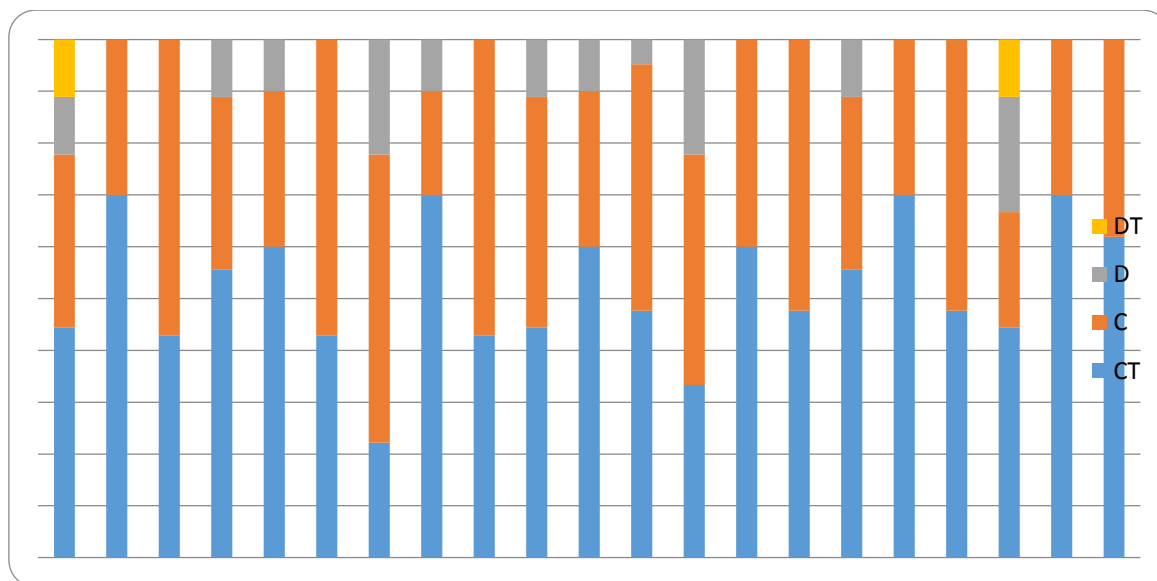


Figura 3. Perceção sobre o comportamento das crianças nas atividades artísticas

20- Se sente frequentemente bem-estar ao realizar atividade artística durante o tratamento

21- Se fica contente quando realiza atividades artísticas

22- Se gosta de realizar atividades artísticas

- 23- Se sente-se bem com os colegas quando realiza atividades artísticas em grupo
- 24- Se sente-se importante quando está a realizar atividade artística
- 25- Se sente-se feliz quando realiza atividade artística
- 26- Se tem tido uma melhor qualidade de vida devido a pratica da atividade artística durante o tratamento hospitalar.

Desenvolvimento cognitivo

Os três grupos de inquiridos consideram que as AA contribuem para que as crianças sintam maior interesse e maior facilidade na aprendizagem de outras disciplinas (Tabela 6, itens 27-28).

Tabela 6 – Desenvolvimento cognitivo

	Crianças				Pais				Equipe de assistência à criança			
	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT
27	4	3	2	0	5	4	1	0	7	13	1	0
28	4	4	1	0	7	3	0	0	13	8	0	0

- 27- Se aprende melhor as outras disciplinas por fazer atividades artísticas
- 28- Se sente mais vontade de aprender devido a atividade artística

Expressões artísticas

Relativamente ao interesse pelos tipos de expressão artística, constatou-se que no GACC, as crianças optam em primeiro lugar pela pintura, seguida de música, construção de objetos, desenho, colagem, tocar instrumento musical, oficina de teatro, artesanato e modelagem (Figura 4, itens 29-37).

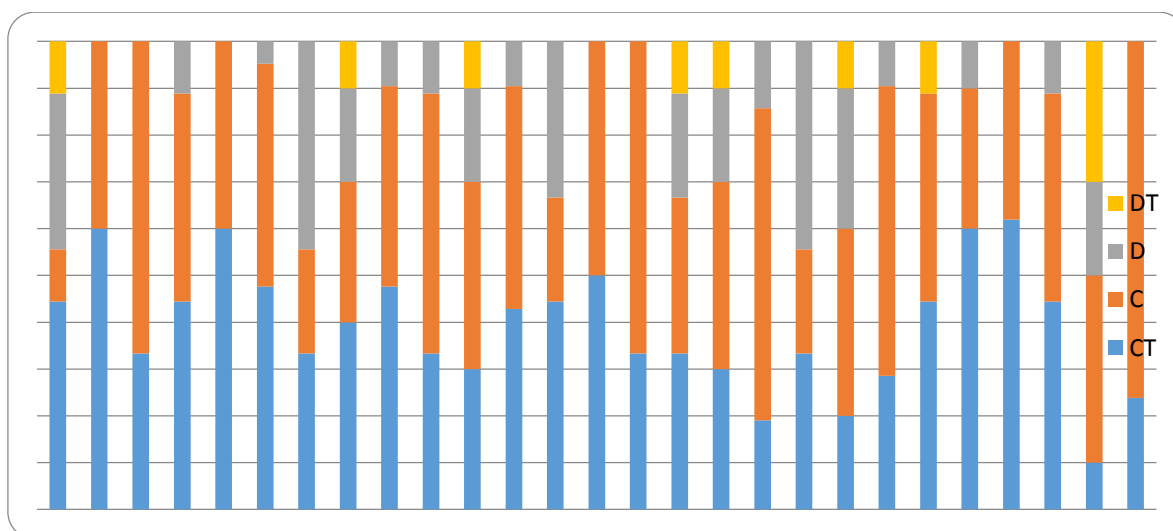


Figura 4. Perceção sobre o tipo de expressões artísticas que as crianças gostam

- 29- Se gosta de desenhar
- 30- Se gosta de pintar
- 31- Se gosta de atividades com modelagem
- 32- Se gosta de atividades com colagem
- 33- Se gosta de construir objetos
- 34- Se gosta de participar em oficinas de teatro
- 35- Se gosta de fazer artesanato
- 36- Se gosta de participar em atividades com música
- 37- Se toca instrumento musical

Expressões plásticas

As crianças utilizam mais as cores quentes do que as frias, e pouco utilizam o preto como cor predominante (Tabela 7, itens 38-40).

Tabela 7 - Expressões plásticas

	Crianças				Pais				Equipe de assistência à criança			
	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT	CT	C	D	DT
38	4	2	3	0	4	3	2	1	4	14	3	0
39	4	1	4	0	1	3	4	2	2	10	9	0
40	1	3	3	2	1	3	4	2	0	3	13	5

- 38- Se prefere cores quentes (vermelho, amarelo ou laranja)
- 39- Se prefere cores frias (azul, verde ou roxo)
- 40- Se utiliza o preto como cor predominante nos desenhos e pinturas

Criatividade

Os inquiridos de todos os grupos consideram, na sua maioria, que as crianças têm o seu espírito criativo estimulado através as AA (Figura 5, item 41). Constatamos também que a grande maioria (entre 70% e 90%) dos grupos de adultos afirmam que as crianças representam as famílias nas suas expressões artísticas, o que discorda com a menor percentagem, aproximadamente 35%, referida pelas crianças (Figura 5, item 42).

Por fim, os três grupos de inquiridos do GACC consideram que as crianças representam a vida quotidiana fora e dentro da Instituição, e que os desenhos e pinturas das crianças, na sua maioria, são alegres (Figura 5, itens 43-46).

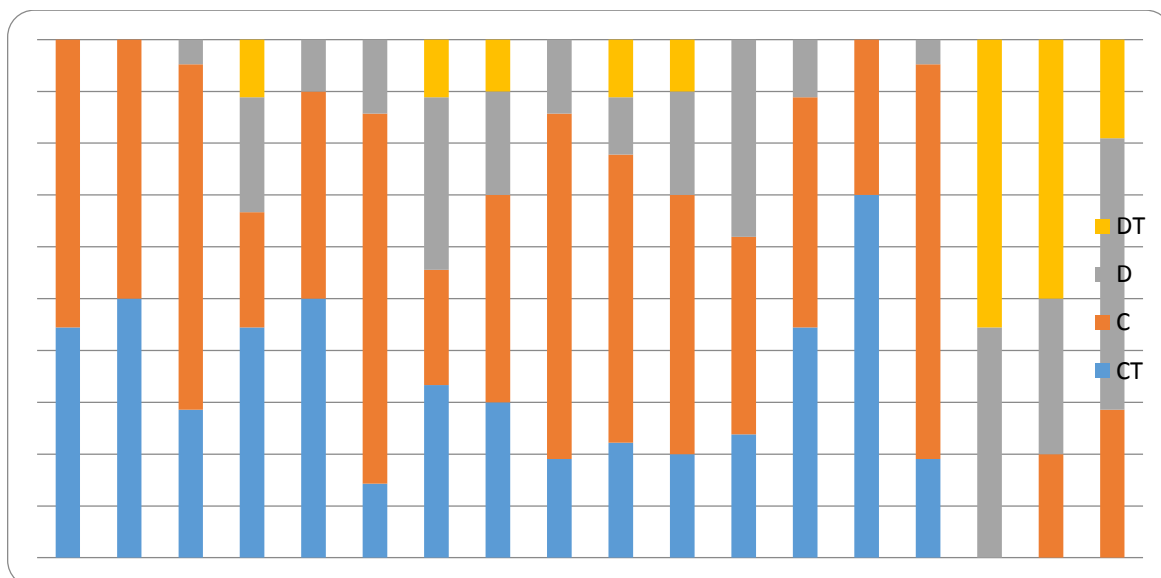


Figura 5. Percepção sobre o espírito criativo das crianças

- 41- Se gosta de fazer coisas novas nas atividades artísticas
- 42- Se representa a minha família em desenhos e pinturas
- 43- Se representa a minha vida fora do hospital nos desenhos e pinturas
- 44- Se representa a minha vida dentro do hospital nos desenhos e pinturas
- 45- Se os desenhos e pinturas são alegres
- 46- Se os desenhos e pinturas são tristes

5. Discussão e Conclusões

No presente estudo pretendemos conhecer as percepções que os membros da equipe de assistência à criança, os pais e as crianças têm sobre a prática de atividades artísticas (AA) das crianças em tratamento hospitalar, com vista a avaliar qual o papel que tais AA desempenham como mediador na melhoria da qualidade de vida e das condições de aprendizagem de crianças com câncer em tratamento. O GACC facilitou o acesso às crianças, pais e profissionais que lá trabalham, o que permitiu procedermos a um estudo aprofundado, que incluiu a observação, entrevistas e aplicação de questionários, sendo que no presente trabalho apresentamos apenas os dados deste último instrumento de coleta de dados.

Os resultados permitem-nos apresentar alguns dos aspetos mais positivos que a educação artística desempenha no ambiente infantil durante o período de tratamento hospitalar:

- As crianças manifestam interesse pelas atividades incluídas no programa de apoio pedagógico e como atividades de ocupação, não se sentindo impedidas de participar

nas atividades quando estão ligadas a cateteres, a aparelhos ou quando estão em processo quimioterápico, exceto, quando os tratamentos são muito dolorosos.

- Para a prática das atividades podem optar pelo trabalho individual e, ou em grupo, a depender do contexto e espaço onde a atividade é proposta, e durante a execução apresentam características emocionais positivas que podem variar entre bem-estar, contentamento, felicidade e apreciação, o que somado a outros aspetos, ou não, pode ocasionar uma melhoria na qualidade de vida.

- As atividades contribuem para um melhor desempenho escolar, visto que promove o interesse e auxilia na aprendizagem de outras disciplinas.

Algumas das atividades oferecidas são mais procuradas do que outras (ex.: música), o que parece estar relacionado com o espaço e o material disponível onde estas são realizadas. É recomendável deixar que a imaginação manifeste-se com toda a sua liberdade. Em algumas crianças, seu desejo de expressão canaliza-se através de outros meios que não o desenho ou a pintura, como a música, a dança, o canto e os esportes. Cada qual encontrará o que mais lhe convier (Bédard, 2003).

A oferta de variação de espaço é ampla, pois possui uma vasta área externa com pátios e horta, e ainda dispõe de uma biblioteca e uma brinquedoteca, equipada com bancada e pia para tratamento dos trabalhos de pintura, e um ambiente só com instrumentos musicais. Através da observação participada e da descrição da terapeuta ocupacional que coordena as atividades, é notório salientar que a maioria das AA ocorrem na brinquedoteca, podendo algumas delas ocorrerem ao mesmo tempo, pois o espaço é amplo e as possibilidades das crianças escolherem uma ou mais atividades é maior. Na elaboração das atividades de expressão artística, o estilo pessoal, que faz ressaltar as diferenças facilitando a identificação, é um processo que compreende tanto a descoberta das possibilidades representativas como a sua prática através de múltiplas experiências, a fim de que estejam disponíveis para o uso e para as escolhas sucessivas (Paín, 2009).

No que diz respeito às cores, é interessante verificar que as crianças preferem as cores quentes, que denotam alegria, e utilizam em menor frequência as cores frias e o preto. A simbologia de cada uma das cores admite duas interpretações, uma positiva

e outra negativa. O estilo do desenho e/ou pintura e o conjunto das cores determinam que nos inclinemos sobre uma ou outra destas interpretações. O que interessa é a mensagem, plasmada consciente ou inconscientemente (Bédard, 2003).

De uma forma geral, as atividades artísticas desempenham um papel importante no GACC, movimentando esse período em que as crianças estão em tratamento na busca pela normalidade do quotidiano e na promoção da saúde e qualidade de vida. Para além disso fomenta competências nas próprias crianças e nos profissionais de apoio terapêutico, contribuindo assim para a amplitude de interdisciplinaridades.

Esta ideia leva-nos a crer que a educação artística é de fundamental importância na instituição, e que outras instituições de apoio à criança com doença oncológica que ainda não têm essa prática incluída em seus programas de cuidados aos pacientes, possam adotar esse modelo de inserção interdisciplinar.

Este é um trabalho preliminar, que está ainda em fase de tratamento de dados e que com a análise das informações recolhidas do estudo qualitativo complementar, proporcionará um melhor conhecimento e compreensão da influência da atividade artística na promoção da saúde da criança com câncer e da sua influência no aumento das capacidades cognitivas da criança em tratamento oncológico.

Referências

Araújo, M. A doença oncológica na criança. Porto: Coisas de ler. 2011.

Bédard, N. Como interpretar os desenhos das crianças. São Paulo: Editora Isis. 2003.

GACC – Grupo de Apoio à Criança com Câncer. Disponível em: <http://www.gaccbahia.org.br/> acesso em 29/06/2011.

Othero, M. B. Terapia Ocupacional – Práticas em Oncologia. São Paulo: Editora Roca. 2010.

Paín, S. Os fundamentos da arteterapia. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2009.

Silva, M. C. F. Estudo das variáveis psicológicas – esperança, qualidade de vida e dinâmica familiar – no processo de adaptação parental à doença oncológica infantil. Porto: Universidade do Porto. Tese de Mestrado. 2007.

Sousa, A. B. Psicoterapias Activas (Arte-Terapias). Lisboa: Livros Horizonte. 2005.

Vasconcellos, E. A. Enfrentando a doença no hospital: uma abordagem de pacientes com doenças crónicas. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas. 2007.